

**JARDINS SENSORIAIS COMO FERRAMENTAS DE INCLUSÃO SOCIAL E
EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA REVISÃO NARRATIVA**

**SENSORY GARDENS AS TOOLS FOR SOCIAL INCLUSION AND
ENVIRONMENTAL EDUCATION: A NARRATIVE REVIEW**

**JARDINES SENSORIALES COMO HERRAMIENTAS DE INCLUSIÓN SOCIAL Y
EDUCACIÓN AMBIENTAL: UNA REVISIÓN NARRATIVA**

 <https://doi.org/10.56238/arev8n2-138>

Data de submissão: 28/01/2026

Data de publicação: 28/02/2026

Cristina Veloso de Castro

Doutora em Direito Constitucional

Instituição: Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

E-mail: cristina.castro@uemg.br

Heytor Lemos Martins

Doutor em Agronomia

Instituição: Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

E-mail: heytor.martins@uemg.br

Renata Aparecida Follone

Doutora em Direito

Instituição: Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

E-mail: renata.follone@uemg.br

RESUMO

Os jardins sensoriais têm sido progressivamente reconhecidos como espaços estratégicos para a promoção da inclusão social e da educação ambiental, especialmente no contexto de pessoas com deficiência. Este estudo teve como objetivo analisar criticamente a literatura científica acerca do uso de jardins sensoriais como ferramentas pedagógicas, terapêuticas e socioambientais, discutindo seus fundamentos teóricos, abordagens metodológicas e impactos relatados no desenvolvimento sensorial, cognitivo, motor e socioafetivo dos participantes. Trata-se de uma revisão narrativa de caráter qualitativo, baseada em publicações nacionais e internacionais indexadas em bases de dados como Scopus, Web of Science, SciELO, ERIC e Google Scholar, abrangendo o período de 2000 a 2025. A análise dos estudos evidencia que os jardins sensoriais favorecem a estimulação multissensorial integrada, a socialização, o fortalecimento da autoestima e a ampliação da autonomia funcional, além de se configurarem como importantes espaços de educação ambiental não formal. A literatura também destaca o potencial da integração entre jardins sensoriais, agroterapia e práticas de expressão artística, ampliando as possibilidades de comunicação, aprendizagem e inclusão. No entanto, observa-se a predominância de estudos descritivos e a escassez de avaliações sistemáticas de médio e longo prazo, especialmente no contexto brasileiro. Conclui-se que os jardins sensoriais constituem dispositivos promissores para práticas inclusivas e educativas, demandando maior aprofundamento metodológico e teórico para consolidar sua aplicação em políticas públicas e instituições educacionais.

Palavras-chave: Inclusão Social. Agroterapia. Ecologia Social.

ABSTRACT

Sensory gardens have been progressively recognized as strategic spaces for promoting social inclusion and environmental education, particularly in the context of people with disabilities. This study aimed to critically analyze the scientific literature on the use of sensory gardens as pedagogical, therapeutic, and socioenvironmental tools, discussing their theoretical foundations, methodological approaches, and reported impacts on the sensory, cognitive, motor, and socioemotional development of participants. This is a qualitative narrative review based on national and international publications indexed in databases such as Scopus, Web of Science, SciELO, ERIC, and Google Scholar, covering the period from 2000 to 2025. The analysis of the studies indicates that sensory gardens promote integrated multisensory stimulation, social interaction, enhanced self-esteem, and increased functional autonomy, in addition to serving as important non-formal environmental education spaces. The literature also highlights the potential of integrating sensory gardens with agrotherapy and artistic expression practices, expanding opportunities for communication, learning, and inclusion. However, a predominance of descriptive studies and a lack of systematic medium- and long-term evaluations are observed, particularly in the Brazilian context. It is concluded that sensory gardens constitute promising tools for inclusive and educational practices, requiring further methodological and theoretical development to consolidate their application in public policies and educational institutions.

Keywords: Social Inclusion. Agrotherapy. Social Ecology.

RESUMEN

Los jardines sensoriales han sido reconocidos progresivamente como espacios estratégicos para la promoción de la inclusión social y la educación ambiental, especialmente en el contexto de las personas con discapacidad. Este estudio tuvo como objetivo analizar críticamente la literatura científica sobre el uso de los jardines sensoriales como herramientas pedagógicas, terapéuticas y socioambientales, discutiendo sus fundamentos teóricos, enfoques metodológicos e impactos reportados en el desarrollo sensorial, cognitivo, motor y socioemocional de los participantes. Se trata de una revisión narrativa de carácter cualitativo, basada en publicaciones nacionales e internacionales indexadas en bases de datos como Scopus, Web of Science, SciELO, ERIC y Google Scholar, que abarca el período de 2000 a 2025. El análisis de los estudios evidencia que los jardines sensoriales favorecen la estimulación multisensorial integrada, la socialización, el fortalecimiento de la autoestima y la ampliación de la autonomía funcional, además de configurarse como importantes espacios de educación ambiental no formal. La literatura también destaca el potencial de la integración entre jardines sensoriales, agroterapia y prácticas de expresión artística, ampliando las posibilidades de comunicación, aprendizaje e inclusión. No obstante, se observa un predominio de estudios descriptivos y una escasez de evaluaciones sistemáticas a medio y largo plazo, especialmente en el contexto brasileño. Se concluye que los jardines sensoriales constituyen herramientas prometedoras para prácticas inclusivas y educativas, requiriendo un mayor profundizamiento metodológico y teórico para consolidar su aplicación en políticas públicas e instituciones educativas.

Palabras clave: Inclusión Social. Agroterapia. Ecología Social.

1 INTRODUÇÃO

A jardinagem é uma prática tão antiga quanto a própria civilização, com raízes profundamente ligadas à agricultura e ao desenvolvimento das sociedades humanas. Registros históricos indicam que os jardins sempre apresentaram características culturais e regionais específicas, refletindo os saberes, valores e trajetórias evolutivas de diferentes povos, além de incorporarem técnicas e conhecimentos especializados ao longo do tempo (Braga, 2010; Leão, 2007).

Desde períodos remotos, os jardins são reconhecidos como espaços de lazer, contemplação e interação com a natureza, nos quais realidade e imaginação se entrelaçam, proporcionando experiências sensoriais diversas e a construção de memórias afetivas (Chimentthi & Cruz, 2008; Gengo & Henkes, 2012). Essa dimensão simbólica e experiencial dos jardins contribuiu para que esses espaços fossem progressivamente ressignificados, ultrapassando sua função estética ou produtiva e assumindo papéis educativos, terapêuticos e sociais.

A partir dessa perspectiva ampliada, emergiram os jardins sensoriais, concebidos como ambientes planejados para oferecer múltiplas possibilidades de exploração sensorial a diferentes públicos, incluindo pessoas com deficiência, idosos, crianças e adultos. Segundo Borges e Paiva (2009), esses espaços podem ser utilizados como importantes recursos educativos e recreativos, uma vez que estimulam de forma integrada os sentidos do corpo humano. Atualmente, os jardins sensoriais estão presentes em diversas cidades ao redor do mundo, especialmente em espaços públicos e institucionais, como universidades, praças, jardins botânicos e escolas, consolidando-se como estratégias inclusivas de interação com o ambiente (Hussein et al., 2016).

Apesar desses avanços, milhares de pessoas com algum tipo de deficiência ainda vivenciam processos de discriminação e exclusão social em suas comunidades, fenômeno tão antigo quanto a própria organização social humana (Maciel, 2000; Da Silva et al., 2024). Sob a ótica da Sociologia e da Psicologia, a deficiência não deve ser compreendida exclusivamente como uma condição biológica ou individual, mas como resultado de barreiras e lacunas impostas pelo contexto sociocultural, que limita o acesso aos recursos, à participação e ao reconhecimento social (Diniz, Almeida & Furtado, 2017).

Nesse cenário, práticas educativas e sociais externas aos modelos tradicionais de ensino vêm sendo progressivamente planejadas e implementadas com o objetivo de promover a inclusão social de forma mais efetiva (Araújo et al., 2021). Os jardins sensoriais inserem-se nesse conjunto de estratégias inovadoras ao articular conhecimentos da neurofisiologia, do paisagismo e da botânica com fundamentos teórico-metodológicos da educação ambiental e dos processos de ensino-aprendizagem.

Assim, os jardins sensoriais configuram-se como ambientes de educação ambiental não formal

e de inclusão social, concebidos para estimular intensamente os cinco sentidos — tato, visão, olfato, paladar e audição — ao mesmo tempo em que se fundamentam em princípios de conservação e sustentabilidade ambiental (Almeida et al., 2017; Araújo et al., 2021). Esses espaços botânicos e sinestésicos favorecem experiências educativas significativas, promovendo o desenvolvimento sensorial, cognitivo e socioafetivo dos participantes.

Diante disso, projetos educacionais que integram jardinagem, educação ambiental e práticas socioeducativas apresentam elevado potencial de impacto, especialmente quando direcionados a crianças e adolescentes com deficiência, como os atendidos por instituições especializadas, a exemplo das Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). Tais iniciativas ampliam as possibilidades de aprendizagem, socialização e bem-estar, reforçando o papel dos jardins sensoriais como dispositivos pedagógicos, terapêuticos e inclusivos.

Diante do crescente interesse por estratégias educativas e terapêuticas inclusivas, bem como da necessidade de ampliar o acesso de pessoas com deficiência a ambientes de aprendizagem significativos, este trabalho tem como objetivo analisar criticamente a literatura científica sobre o uso de jardins sensoriais como ferramentas de inclusão social e educação ambiental. Busca-se compreender de que forma esses espaços têm sido concebidos, implementados e utilizados em diferentes contextos institucionais, considerando seus fundamentos teóricos, abordagens metodológicas e impactos relatados no desenvolvimento sensorial, cognitivo, motor e socioafetivo dos participantes.

De maneira específica, esta revisão objetiva discutir o papel dos jardins sensoriais enquanto ambientes de educação não formal, destacando sua contribuição para a promoção da acessibilidade, da socialização e do bem-estar de pessoas com deficiência. Além disso, pretende-se analisar a integração dos jardins sensoriais com práticas de educação ambiental, agroterapia e expressão artística, evidenciando como essa articulação potencializa processos de ensino-aprendizagem e inclusão social.

Ao sistematizar e problematizar as evidências disponíveis na literatura, o estudo também busca identificar lacunas de conhecimento, limitações metodológicas e perspectivas futuras de pesquisa, especialmente no contexto brasileiro e em instituições voltadas ao atendimento de crianças e adolescentes com deficiência. Dessa forma, o presente trabalho pretende contribuir para o fortalecimento teórico e conceitual do uso de jardins sensoriais como dispositivos pedagógicos, terapêuticos e socioambientais, oferecendo subsídios para o desenvolvimento de iniciativas inclusivas em diferentes realidades educacionais.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo caracteriza-se como uma revisão narrativa da literatura, com abordagem qualitativa e caráter analítico-crítico, voltada à discussão do uso de jardins sensoriais como estratégias de inclusão social e educação ambiental para pessoas com deficiência. A revisão narrativa foi adotada por permitir maior flexibilidade na análise conceitual e teórica do tema, possibilitando a integração de estudos oriundos de diferentes áreas do conhecimento, como educação, psicologia, ciências ambientais, paisagismo e agrotterapia.

O levantamento bibliográfico foi realizado por meio de buscas nas bases de dados Scopus, Web of Science, SciELO, ERIC e Google Scholar. Foram utilizadas combinações de descritores em português, inglês e espanhol, incluindo os termos “jardins sensoriais”, “sensory garden”, “educação inclusiva”, “inclusive education”, “pessoas com deficiência”, “special needs”, “educação ambiental”, “environmental education”, “agrotterapia” e “horticultural therapy”.

Foram considerados elegíveis artigos científicos, livros, capítulos de livros e trabalhos acadêmicos que abordassem, de forma direta ou indireta, a concepção, implementação ou avaliação de jardins sensoriais e práticas associadas à inclusão social e à educação ambiental. Priorizou-se a inclusão de estudos publicados entre os anos 2000 e 2025, sem restrição quanto ao delineamento metodológico, desde que apresentassem contribuição teórica, empírica ou conceitual relevante para o tema. Trabalhos duplicados, resumos sem acesso ao texto completo e publicações sem relação direta com os objetivos da revisão foram excluídos.

A análise do material selecionado foi realizada de forma interpretativa, com leitura crítica e organização dos estudos em eixos temáticos, contemplando aspectos históricos e conceituais dos jardins sensoriais, estímulos sensoriais e desenvolvimento humano, inclusão social de pessoas com deficiência, educação ambiental em espaços não formais e integração com práticas de agrotterapia e expressão artística. A síntese dos resultados foi conduzida de maneira descritiva e reflexiva, buscando identificar convergências, divergências, avanços e lacunas na literatura científica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A inovação não se resume a uma invenção inédita, mas ao atendimento de demandas ou ao fornecimento de suporte para uma necessidade específica de uma comunidade, como a APAE. Com este projeto, busca-se promover a sensibilização para a inclusão social, incentivando os participantes a se envolverem no planejamento e na implementação do jardim sensorial, compreendendo a importância de adaptar espaços para atender às necessidades de pessoas com deficiência.

Para os alunos atendidos pela APAE, a interação com o jardim sensorial pode favorecer o desenvolvimento motor, cognitivo e socioafetivo, estímulos que beneficiam a concentração, a cooperação motora e o bem-estar emocional. O projeto visa demonstrar a eficácia dos jardins sensoriais como prática educativa e terapêutica, com potencial para ser expandido a outros cursos e instituições, consolidando-se como uma metodologia contínua no processo de ensino-aprendizagem inclusivo.

3.1 JARDINS SENSORIAIS E ESTIMULAÇÃO DOS SENTIDOS

A análise da literatura evidencia que os jardins sensoriais são amplamente reconhecidos como ambientes capazes de promover estimulação multissensorial integrada, desempenhando papel relevante no desenvolvimento humano, especialmente em contextos inclusivos. Diferentemente de espaços verdes convencionais, os jardins sensoriais são planejados para estimular de forma intencional os cinco sentidos (tato, visão, olfato, paladar e audição) por meio da diversidade de espécies vegetais, texturas, aromas, cores, sons e sabores, criando experiências sensoriais acessíveis e significativas (Wajchman-Świtalska, 2021; Mehdi et al., 2022).

Os estímulos táteis, associados ao contato direto com folhas, flores, caules, substratos e elementos naturais, são frequentemente apontados como fundamentais para o desenvolvimento perceptivo e motor, sobretudo em indivíduos com deficiência intelectual, visual ou motora. A literatura indica que a exploração tátil favorece a coordenação motora fina, a percepção espacial e a autonomia, além de estimular a curiosidade e o engajamento com o ambiente. De forma complementar, os estímulos olfativos, proporcionados por plantas aromáticas, têm sido associados à evocação de memórias, à regulação emocional e à promoção de estados de relaxamento e bem-estar (Zajadacz et al., 2019; Zajadacz; Lubarska, 2020).

A estimulação visual, por meio da diversidade cromática e morfológica das plantas, contribui para a ampliação da percepção estética e da orientação espacial, enquanto os estímulos auditivos podem ser promovidos tanto pela interação com elementos naturais, como o som do vento e da água, quanto pela presença de espécies vegetais que produzem sons característicos. Em alguns contextos, a estimulação gustativa, quando realizada de forma segura e orientada, amplia a experiência sensorial e educativa, fortalecendo a relação entre o indivíduo e o alimento, a natureza e os processos de cultivo (Xie et al., 2024; Ding et al., 2022).

De modo geral, os estudos analisados convergem ao indicar que a vivência em ambientes sensoriais favorece a atenção, a concentração e a regulação emocional, além de reduzir níveis de estresse e ansiedade. Esses efeitos são particularmente relevantes para pessoas com deficiência, para

as quais experiências sensoriais estruturadas podem contribuir para a organização perceptiva e para o fortalecimento de vínculos afetivos com o espaço educativo (Yinan et al., 2024).

3.2 JARDINS SENSORIAIS COMO FERRAMENTAS DE INCLUSÃO SOCIAL

Sob a perspectiva da inclusão social, os jardins sensoriais emergem na literatura como espaços que materializam o princípio da acessibilidade ao permitir múltiplas formas de interação, respeitando as singularidades e os diferentes ritmos de aprendizagem dos indivíduos. Ao contrário de ambientes educativos tradicionais, frequentemente marcados por barreiras físicas, comunicacionais e atitudinais, os jardins sensoriais oferecem experiências compartilhadas, nas quais a participação não depende exclusivamente de habilidades cognitivas ou linguísticas específicas (Silva et al., 2020; Queiroz et al., 2022).

Os estudos revisados destacam que a participação em atividades desenvolvidas em jardins sensoriais favorece a socialização, o trabalho coletivo e o fortalecimento da autoestima, elementos centrais para a inclusão efetiva de pessoas com deficiência. A interação com o ambiente natural e com outros participantes contribui para a construção de vínculos sociais, para o sentimento de pertencimento e para a valorização das capacidades individuais, reduzindo estigmas historicamente associados à deficiência (Hussein, 2017; Zajadacz; Lubarska, 2020).

Além disso, a literatura aponta que os jardins sensoriais possibilitam a ressignificação das relações entre educadores, cuidadores e pessoas com deficiência, ao promover práticas pedagógicas mais horizontais, participativas e centradas na experiência. Em instituições especializadas, esses espaços têm sido utilizados como complementos às atividades pedagógicas e terapêuticas, ampliando as oportunidades de aprendizagem e promovendo maior integração entre diferentes áreas do conhecimento (Zajadacz; Lubarska, 2020; Jules et al., 2023).

No entanto, apesar dos benefícios relatados, observa-se que muitos estudos abordam os jardins sensoriais de forma descritiva, com pouca sistematização metodológica e limitada avaliação de impactos a médio e longo prazo. Essa lacuna evidencia a necessidade de aprofundamento analítico e de maior rigor na avaliação das contribuições desses espaços para a inclusão social (Silva et al., 2020; Queiroz et al., 2022).

3.3 EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS

A integração entre jardins sensoriais e educação ambiental constitui um dos eixos mais recorrentes e promissores identificados na literatura. Os jardins sensoriais configuram-se como espaços privilegiados de educação ambiental não formal, ao possibilitarem a vivência direta de

processos naturais, como o crescimento das plantas, os ciclos de vida, a relação solo-planta-água e a importância da conservação ambiental (Beery; Jorgensen, 2018; Finnigan, 2024).

Diferentemente de abordagens meramente expositivas, a educação ambiental desenvolvida em jardins sensoriais baseia-se na experiência, na observação e na interação, favorecendo a construção de conhecimentos contextualizados e significativos. Para pessoas com deficiência, essa abordagem assume relevância ainda maior, uma vez que amplia as possibilidades de compreensão por meio de estímulos sensoriais e práticas concretas (Alsarawi; Murry, 2024; Finnigan, 2024).

A literatura destaca que a educação ambiental em espaços não formais contribui para o desenvolvimento de valores relacionados à sustentabilidade, ao cuidado com o ambiente e à responsabilidade socioambiental. Quando articulada a práticas inclusivas, essa abordagem fortalece a noção de que a sustentabilidade deve considerar não apenas a conservação dos recursos naturais, mas também a justiça social e o respeito à diversidade humana (Hurtado-Soler et al., 2020).

3.4 AGROTERAPIA E HORTICULTURA TERAPÊUTICA

Outro aspecto recorrente nos estudos analisados refere-se ao uso da jardinagem e da horticultura como práticas terapêuticas, frequentemente associadas ao conceito de agroterapia. A literatura aponta que atividades relacionadas ao cultivo de plantas favorecem o desenvolvimento motor, a coordenação, a força física e a autonomia funcional, além de contribuírem para a redução do estresse e a melhora do bem-estar emocional (Hussein, 2017; Zajadacz & Lubarska, 2020).

Em pessoas com deficiência, a agroterapia tem sido associada a benefícios cognitivos e psicossociais, como aumento da atenção, da motivação e da autoestima. A realização de atividades simples, como plantar, regar e cuidar das plantas, promove senso de responsabilidade e pertencimento, reforçando a percepção de utilidade social do indivíduo (Queiroz et al., 2022; Marins et al., 2023).

Quando inserida em jardins sensoriais, a agroterapia potencializa seus efeitos, uma vez que integra estímulos sensoriais, contato com a natureza e interação social em um mesmo ambiente. Estudos observacionais indicam que esses espaços favorecem a inclusão, a permanência e o engajamento de diferentes públicos, especialmente aqueles com limitações funcionais ou cognitivas (Hussein, 2017; Zajadacz & Lubarska, 2020). Apesar disso, a literatura ainda carece de estudos que avaliem de forma sistemática os efeitos terapêuticos dessas práticas em diferentes públicos e contextos institucionais.

3.5 EXPRESSÃO ARTÍSTICA COMO ESTRATÉGIA INCLUSIVA

A associação entre jardins sensoriais e práticas de expressão artística é apontada na literatura como uma estratégia inclusiva capaz de ampliar as formas de comunicação e expressão de pessoas com deficiência. Atividades como desenho, pintura, modelagem e outras manifestações artísticas permitem que percepções, emoções e experiências sensoriais sejam externalizadas de maneira simbólica, especialmente por indivíduos com limitações na linguagem verbal (Wilkens et al., 2023; Queiroz et al., 2022).

Os estudos indicam que a arte atua como uma linguagem acessível e inclusiva, favorecendo a criatividade, a autonomia e o reconhecimento das subjetividades. Quando realizada em ambientes naturais e sensoriais, a expressão artística tende a ser enriquecida pela diversidade de estímulos, ampliando o repertório perceptivo e emocional dos participantes (Wilkens et al., 2023; Marins et al., 2023).

Apesar do potencial identificado, observa-se que a integração sistemática entre jardins sensoriais, educação ambiental e expressão artística ainda é pouco explorada na literatura científica, representando uma lacuna relevante e uma oportunidade para o desenvolvimento de abordagens interdisciplinares mais robustas (Zajadacz & Lubarska, 2020; Hussein, 2017).

4 CONCLUSÃO

A análise da literatura científica demonstra que os jardins sensoriais configuram-se como ambientes potentes para a promoção da inclusão social e da educação ambiental, ao integrarem estímulos multissensoriais, contato com a natureza e práticas pedagógicas acessíveis. Esses espaços possibilitam experiências educativas e terapêuticas significativas, especialmente para pessoas com deficiência, ao favorecerem o desenvolvimento sensorial, cognitivo, motor e socioafetivo, além de contribuírem para a socialização, o bem-estar emocional e o fortalecimento da autonomia.

Os estudos revisados convergem ao indicar que os jardins sensoriais extrapolam sua função estética ou recreativa, assumindo papéis educativos, terapêuticos e socioambientais relevantes, sobretudo quando associados a práticas de agroterapia, horticultura terapêutica e expressão artística. Essa integração amplia as formas de aprendizagem e comunicação, valoriza as subjetividades e promove uma abordagem mais humanizada e inclusiva dos processos educativos.

Entretanto, apesar dos benefícios amplamente relatados, a literatura ainda apresenta limitações importantes, como a predominância de abordagens descritivas, a ausência de delineamentos metodológicos mais robustos e a escassez de estudos que avaliem de forma sistemática os impactos dessas iniciativas em médio e longo prazo. Tais lacunas são particularmente evidentes no contexto

brasileiro, indicando a necessidade de aprofundamento científico e de maior articulação entre pesquisa, extensão e políticas públicas.

Dessa forma, conclui-se que os jardins sensoriais representam uma estratégia inovadora e promissora para a inclusão social e a educação ambiental, especialmente em instituições voltadas ao atendimento de pessoas com deficiência. O fortalecimento teórico, metodológico e institucional dessas iniciativas pode contribuir significativamente para a construção de práticas educativas mais acessíveis, sustentáveis e socialmente justas, consolidando os jardins sensoriais como dispositivos pedagógicos e terapêuticos de relevância social.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a UEMG – EDITAL Nº 13/2024 Programa De Bolsas De Produtividade Em Pesquisa (PQ/UEMG) Com Ênfase Em Inovação pela bolsa concedida a primeira autora.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. G. *et al.* Biodiversidade e botânica: educação ambiental por meio de um jardim sensorial. **Revista Interdisciplinar de Extensão**, v. 1, 2017.
- ALSARAWI, A.; MURRY, F. Inclusive playgrounds: caregiver perceptions of accessibility and use. **Children and Youth Services Review**, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2024.107861>.
- ARAÚJO, M. F. F. de. Ensino de Biologia na Educação Básica: produção de modelos didáticos e uso de práticas lúdicas. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 10, n. 14, e50101421667, 2021.
- BEERY, T.; JØRGENSEN, K. Children in nature: sensory engagement and the experience of biodiversity. **Environmental Education Research**, v. 24, p. 13–25, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/13504622.2016.1250149>.
- BORGES, T. A.; PAIVA, S. R. Utilização de jardim sensorial como recurso didático. **Revista Metáfora Educacional**, n. 7, p. 27–32, 2009.
- BRAGA, M. A. Evolução dos jardins através dos tempos. In: SHIRAKI, S. *et al.* **Curso municipal de jardinagem**. São Paulo: Departamento de Educação Ambiental e Cultura de Paz – UMAPAZ, 2010. cap. 14, p. 144–154.
- CHIMENTTI, B.; CRUZ, P. G. Jardins sensoriais. 2008. Disponível em: http://www.casaecia.arq.br/jardim_sensorial.htm. Acesso em: 01 dez. 2018.
- DA SILVA, A. V. *et al.* Análise do filme “Simples como Amar” e a importância da rede de apoio às pessoas com deficiência cognitiva. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 1, p. 369–385, 2024.
- DING, N. *et al.* Visual preference of plant features in different living environments using eye tracking and EEG. **PLOS ONE**, v. 17, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0279596>.
- FINNIGAN, K. Sensory responsive environments: a qualitative study on perceived relationships between outdoor built environments and sensory sensitivities. **Land**, v. 13, n. 5, 2024. DOI: <https://doi.org/10.3390/land13050636>.
- GENGO, R. C.; HENKES, J. A. A utilização do paisagismo como ferramenta na preservação e melhoria ambiental em área urbana. **Gestão & Sustentabilidade Ambiental**, v. 2, p. 55–81, 2012.
- HURTADO-SOLER, A. *et al.* The garden and landscape as an interdisciplinary resource between experimental science and artistic–musical expression. **Frontiers in Psychology**, v. 11, 2020. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.02163>.
- HUSSEIN, H. The influence of sensory gardens on the behaviour of children with special educational needs. **Asian Journal of Environment-Behaviour Studies**, v. 2, n. 4, p. 1–12, 2017. DOI: <https://doi.org/10.21834/aje-bs.v2i4.214>.
- HUSSEIN, H.; ISHAK, S. A. Jardim sensorial para uma sociedade inclusiva. **Asian Journal of Behavioural Studies**, v. 1, n. 4, p. 33–43, 2016.

LEÃO, J. F. M. C. Identificação, seleção e caracterização de espécies vegetais destinadas à instalação de jardins sensoriais táteis para deficientes visuais, em Piracicaba (SP), Brasil. 2007. 136 f. Tese (Doutorado em Agronomia) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2007.

MACIEL, M. R. C. **Portadores de deficiência: a questão da inclusão social**. São Paulo: Perspec, 2000.

MARINS, M. R.; MORAES, V.; PORTUGAL, A. Sensorial gardens: educational, inclusive and interdisciplinary perspectives. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 23, e1826, 2023. DOI: <https://doi.org/10.28976/1984-2686rbpec2023u811826>.

MEHDI, N. *et al.* Sensory garden for occupational therapy and improving quality of life. **International Journal of Environment and Climate Change**, 2022. DOI: <https://doi.org/10.9734/ijec/2022/v12i1131096>.

QUEIROZ, N. M. O.; BRITO, E. B.; *et al.* Jardim sensorial numa escola do campo: uma ferramenta pedagógica inclusiva. **Revista Macambira**, v. 6, n. 1, 2022. DOI: <https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.713>.

SILVA, J.; DE PAULA LARANJA, R. Atividades práticas em hortas escolares no processo de ensino e aprendizagem de Geografia para estudantes com deficiência intelectual. **Revista de Educação Popular**, v. 19, p. 64–82, 2020. DOI: <https://doi.org/10.14393/rep-2020-51753>.

WAJCHMAN-ŚWITALSKA, S.; ZAJADACZ, A.; LUBARSKA, A. Recreation and therapy in urban forests: the potential use of sensory garden solutions. **Forests**, v. 12, n. 10, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3390/f12101402>.

WILKENS, J.; CHATEAURAYNAUD, F.; DUMAT, C. An ethnography of urban collective gardens: sensitive experiences and social inclusion. **Frontiers in Sustainable Food Systems**, v. 6, 2023. DOI: <https://doi.org/10.3389/fsufs.2022.915097>.

XIE, X. *et al.* Correlation between vegetation landscape and subjective human perception: a systematic review. **Buildings**, v. 14, n. 6, 2024. DOI: <https://doi.org/10.3390/buildings14061734>.

YINAN, L. *et al.* Harmony in nature: exploring the multisensory impact of classical gardens on individuals' well-being. **HERD: Health Environments Research & Design Journal**, v. 17, p. 88–109, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1177/19375867241276299>.

ZAJADACZ, A.; LUBARSKA, A. Sensory gardens in the context of promoting well-being of people with visual impairments in the outdoor sites. **International Journal of Spa and Wellness**, v. 2, p. 17–33, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/24721735.2019.1668674>.

ZAJADACZ, A.; LUBARSKA, A. Sensory gardens as places for outdoor recreation adapted to the needs of people with disabilities. **Scientific Programming**, Article ID 8866816, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5604/01.3001.0014.3170>.